

Guyer, Jane I. 2016. *Legacies, Logics, Logistics: Essays in the Anthropology of the Platform Economy*. Chicago: The University of Chicago Press, 312 pp.

Gustavo Onto
Pós-doutorando PNPd Capes
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (IFCS - UFRJ)
gustavo.onto@gmail.com

A coletânea de artigos e ensaios da antropóloga Jane Guyer reúne suas mais importantes contribuições entre os anos 2000 e 2014 para a antropologia da economia. Os onze artigos reunidos, sendo apenas o último inédito, demonstram a transformação em sua trajetória de pesquisa durante esse período, partindo de suas pesquisas histórico-etnográficas na África Ocidental (Nigéria e Camarões) para o estudo de teor mais arqueológico de conceitos e políticas centrais do governo das economias nacionais contemporâneas. Somando-se aos importantes argumentos presentes em cada artigo, alguns já considerados indispensáveis na área, a coletânea organizada pela autora propõe, por meio de seu texto introdutório, o conceito de “plataforma” como uma imagética persuasiva e impulso teórico para os estudos etnográficos sobre a economia política contemporânea, num importante diálogo crítico com aquela que é, talvez, a vertente mais influente dos últimos 20 anos na antropologia econômica, a teoria do ator-rede (TAR), tal como introduzida por Michel Callon (1998).¹

Na introdução a autora explica que os artigos foram escritos num momento de amplo predomínio internacional de ideais neoliberais conformando a arquitetura dos espaços econômicos. Entretanto, seus ensaios etnográficos não buscam tornar mais

1 Agradeço à Comissão Editorial da R@U pelos comentários e sugestões, essenciais para a elaboração desta resenha.

simples ou coerentes as várias facetas da regulação econômica (formal ou informal) por meio de construtos teóricos tal como o de governamentalidade neoliberal, tão empregado nas ciências sociais. Pelo contrário, como defende no capítulo 2 (primeiro artigo), “*Toiling Ingenuity*”, sobre a transposição de modelos regulatórios de alimentos entre o Reino Unido e a Nigéria, sua tentativa é de se livrar de teorias do consenso ou da coerência, elaborando uma perspectiva etnográfica das múltiplas formas governamentais da modernidade.

Por isso, na sua agenda de pesquisa de uma antropologia da regulação (e política) econômica, como prefiro denominar seus estudos, a finalidade deve ser observar em detalhe “o trabalho, a inteligência, o propósito, as implicações, e as longas vinculações em todos os construtos e arranjos (*assemblages*) que moldam definições e distribuições na vida econômica” (Guyer, 2016, p. 11). Ao invés de associar apressadamente, portanto, neoliberalismo às noções de “mercado” ou “indivíduo”, explicando vários casos empíricos por meio de um paradigma dominante, sua proposta é descrever os variados arranjos ou as plataformas por meio das quais as economias configuram modos de subsistência e processos de produção de riqueza. A noção de plataforma, que é cada vez mais utilizada como uma metáfora da economia (ou de setores da economia) do século XXI, se torna, em sua visão, uma ferramenta heurística que comportaria as múltiplas configurações econômicas existentes.

O conceito de plataforma, que ela aborda em detalhe no capítulo 5, carrega em si uma ideia de indeterminação dos resultados do sistema econômico, ao mesmo tempo em que implica uma historicidade particular e propriedades estruturais que devem ser levadas em conta na análise. Entre outros aspectos que se tornam passíveis de descrição por meio da observação desses “arranjos de arranjos” estão a construção da plausibilidade das políticas de austeridade fiscal (capítulo 3) ou o modo como formas de governo lidam com distintas temporalidades, certas profecias do futuro, em sua retórica pública (capítulo 4). Essa tentativa de redefinir a economia contemporânea por meio da noção de plataforma – recusando conceitos como capitalismo, sistema financeiro, mercado ou neoliberalismo – tem como origem não apenas sua persistente atenção etnográfica para a complexidade e “originalidade” (Guyer, 2014) de práticas, formas e relações que compõem sistemas econômicos, mas também se vale de um engajamento crítico com a perspectiva da TAR sobre a economia.

Guyer afirma que cada um dos artigos da coletânea pode ser entendido como um estudo de caso de um arranjo ou um dispositivo que gera formas de relação (ou regulação) econômica. Arranjos, dispositivos, associações são conceitos utilizados por vários autores contemporâneos que se propuseram estudar os processos de economicização ou de

performatividade do conhecimento econômico (Callon, Muniesa e Millo, 2007; Çaliskan e Callon, 2009), buscando desconstruir o realismo naturalista da teoria econômica e o estruturalismo com o qual as ciências sociais lidavam com questões econômicas. A noção de plataforma também serve para traçar processos relacionais dentro de uma antropologia pós-social onde a atribuição da agência - no caso a agência econômica - não é dada de antemão. Porém, Guyer busca ao mesmo tempo criticar a falta de atenção com a especificação dos “elementos” (os actantes) que compõem esses arranjos ou plataformas, afirmando que a TAR não foi longe o suficiente na sua busca metodológica pelo pragmatismo e no uso da noção de performatividade.

Segundo a autora, há a necessidade de se definir melhor ou prestar mais atenção ao que é designado como “elemento” nas etnografias. Ao invés de tomá-los como dados, como costuma acontecer em muitas descrições que apenas mencionam as “coisas”, “os não-humanos”, os textos, as materialidades, os instrumentos ou os “habitantes”, deve-se questionar o que esses elementos significam para os vários outros actantes e como os significados dos elementos produzem modos distintos de agenciamento. Para que os elementos não sejam tratados de modo “moderno”, há de se perguntar como elementos se tornam elementos em primeiro lugar. Como se tornam disponíveis, como são procurados, combinados ou selecionados para os arranjos.

Muitos capítulos do livro tratam de uma exploração desses elementos, como, por exemplo, os capítulos sobre as culturas de cálculo. Sua análise dos usos dos números ordinais (capítulo 6) e das porcentagens (capítulo 7), demonstra como certos artefatos (valores numéricos) que parecem dados podem ser explorados etnograficamente, revelando as várias faces qualitativas do cálculo. Os capítulos sobre as implicações das transformações do mercado de câmbio internacional nas moedas nacionais africanas e no preço do petróleo (capítulo 8) e sobre os usos e a produção dos índices de preço ao consumidor (capítulo 9), descrevem como vários tipos de elementos são combinados em plataformas para produzir formas de regulação de preços nas economias.

Segundo Guyer, a noção de “elemento” é produtiva, pois retêm um sentido, diz ela, do componente mais simples ou básico de uma substância, e que sempre pode ser combinável. Porém, diferentemente de muitos autores influenciados pela TAR, para a antropóloga os elementos precisam ser objeto de uma reflexão propriamente etnográfica. Isso significa que na descrição dos agenciamentos ou arranjos, deve-se levar em conta que o conhecimento do que as coisas são feitas, seus elementos, é sempre algo contextual e parcial, historicamente determinado. Sua importância na investigação empírica fica mais clara quando ela analisa, na parte 5, como conceitos econômicos são compreendidos

por diferentes pessoas (especialistas e leigos ou público) em diferentes contextos. Sua reflexão etnográfica sobre a composição do preço (capítulo 10), sobre o dinheiro ou moeda (capítulo 11) e sobre a noção clássica da economia política de “economia real” (capítulo 12), todos conceitos correntes da política econômica, ilustram a dificuldade e ambiguidade do próprio estatuto de realidade desses elementos. Para Guyer, inspirada também por Muniesa (2014), a etnografia deve levar em conta esses processos de realização da vida econômica, que passam pela composição de arranjos políticos onde certos elementos são tornados explícitos ou considerados como “reais” (ver também Neiburg e Guyer, 2017). Para investigar essas plataformas de governo do econômico, compostas de inúmeros elementos, Guyer sugere três conceitos: legados, lógicas e logísticas.

Com relação ao conceito de legado (*legacies*), a autora explica que esses consistem em tudo o que no presente é visto como, ou conhecido por ser, uma herança do passado. Conceitos, noções, dispositivos legais, modelos, técnicas que persistem ao longo do tempo e fazem parte de repertórios de ação (Guyer, 2004), como, por exemplo, o conceito de *household* (unidade doméstica) em índices nacionais de preço ao consumidor, analisado no capítulo 9, e o desenvolvimento e uso da porcentagem numérica na análise e retórica. Uma atenção para os legados, portanto, implica numa detalhada arqueologia dos elementos de uma plataforma, levando em conta sempre seu caráter histórico.

As lógicas (*logics*) são os componentes das plataformas que já contêm um modo próprio de inserção e relação com o restante, dando pouco espaço para transformação ou reconstrução. Algoritmos (Lépinay, 2011), technicalidades jurídicas (Riles, 2011) ou formas organizacionais são alguns desses componentes, que são geralmente explicitados teórica e intelectualmente e fazem referência sobre o funcionamento do todo. Por último, as logísticas (*logistics*) dizem respeito aos modos práticos de funcionamento e solução de problemas que surgem em momentos de conflito, confusão ou desentendimento. As rotinas, os procedimentos, as formas de fazer, os guias humanos e não-humanos que são pouco institucionalizados, mas capazes de combinar os diferentes legados e lógicas em situações concretas de governança dos espaços econômicos.

Essa plataforma etnográfica para uma antropologia da economia contemporânea busca fundamentalmente ampliar aquilo que pode ser considerado como objeto de investigação antropológico. A “economia” não pode ser comparada ao “mercado” ou mesmo a “processos de economicização” (e muito menos às finanças), como parece ser o caso em parte das etnografias contemporâneas. Retomando a definição substantivista (e, claro, da economia política), Guyer reforça que a economia sempre compreendeu os meios de subsistência e os processos de formação de riqueza. Sua coletânea é um caminho para

descrever a composição dessas realidades, combinando a perspectiva das pessoas com a perspectiva dos especialistas e dos reguladores.

Referências

- ÇALISKAN, Koray e Callon, Michel. 2009. 'Economization, part 1: shifting attention from the economy towards processes of economization', *Economy and Society*, 38 (3).
- CALLON, Michel. 1998. The embeddedness of economics markets in economics. In *The Laws of the Markets*, ed. M. Callon, pp.1-57. Oxford, UK: Blackwell.
- CALLON, M.; MUNIESA, F. & MILLO, Y. (eds.). 2007. *Market devices*. London: Blackwell Publishing.
- GUYER, Jane I. 2004. *Marginal Gains: Monetary Transactions in Atlantic Africa*. Chicago: Univ. Chicago Press. 2004.
- GUYER, Jane I. 2014. "Entrevista: Lidando com a Originalidade". *Mana* 20(3): 603-620.
- GUYER, Jane I. 2016. *Legacies, Logics, Logistics: Essays in the Anthropology of the Platform Economy*. Chicago: The University of Chicago Press, 312 pp.
- LÉPINAY, Vincent. 2011. *Codes of Finance: Engineering Derivatives in a Global Bank*. Princeton: Princeton University Press
- MUNIESA, Fabian. 2014. *The provoked economy, economic reality and the performative turn*. Oxford: Taylor and Francis.
- NEIBURG, Federico e GUYER, Jane. 2017. "The real in the real economy." *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 7, no. 3: 261-79.
- RILES, Annelise. 2011. *Collateral knowledge: legal reasoning in the global financial markets*. Chicago: The University of Chicago Press.

Recebido em: 18 de fevereiro de 2019.

Aceito em: 11 de setembro de 2019.